

FRANCISCO AZEVEDO

Arroz de Palma

Família é prato difícil de preparar

Eu aqui na fazenda. Eu aqui na cozinha, quatro e pouco da manhã. Isabel ainda dorme, o sol ainda demora. Eu aqui, um velho de 88 anos. Para os mais novos, o Avô Eterno, o que não teve começo nem terá fim, o que já veio ao mundo com esta cara enrugada. Eu aqui, de avental branco, picando o tempero verde. Preparo o almoço de família. Terei forças? 88: dois infinitos verticais. É boa idade, será uma bela festa. Tenho prática. Tia Palma me ensinou a cozinhar, eu era jovem. Por onde andaré Tia Palma? Às vezes, fica tempo sem aparecer. Às vezes, vejo-a perambulando pela casa com mamãe e papai e nem preciso dos óculos. Chegam com diferentes idades, alegres ou preocupados, falantes ou silenciosos. Depende do dia, da hora em que os vejo. Imaginação? Senilidade? Perco noção. Perco? Me pego conversando com esse menino que era eu. Ou escrevendo alto comigo mesmo. Falo com meus queridos já distantes no tempo e no espaço. Às vezes, sinto medo, assobio no escuro. De repente, luz. Cinema! Me projeto histórias. Revejo meus irmãos na infância, nítidos, pulando uns nos outros, correndo e voltando para embolar feito cachorro novo. Revejo aquela minha Isabel apaixonada. Revejo meus filhos quando ainda estavam perto e eram meus. Lembranças vivas em todos os sentidos: paladar, olfato, audição, visão e tato. Sigo em frente. Para o hoje – que eu amo! – e depois para onde o nariz aponta e a vista alcança e para mais além, aonde só a esperança vai. Sou passado, presente, futuro – três pessoas distintas reunidas numa só, mistério da terreníssima trindade. Confio em você, que agora me faz companhia e me lê os pensamentos.

Velho sente saudade de mãe e de pai. Tudo faz tanto tempo! Velho quer colo, quer colher na boca vindo de longe com motor de aviãozinho, quer – banho tomado – que o ponham na cama, o aconcheguem com lençol limpo e travesseiro macio. Uma história conhecida, uma cantiga de ninar, um beijo de boa-noite. A porta do quarto um pouquinho aberta, com a luz do corredor acesa – o ponto de referência é sempre bom. Velho sente falta de instância superior. Quem o julgará com isenção e sabedoria? Quem, melhor que ele, saberá, imparcial, examinar o mérito da questão? Velho é criança de fôlego diferente. Já não lhe interessam as correrias nos jardins, o sobe e desce das gangorras, o vaivém dos balanços. É tudo muito pouco. O que ele quer agora é desembestar no céu, soltar os bichos que colecionou a vida inteira. Os bichos todos – domésticos, selvagens, úteis e nocivos. Os pesados répteis que ainda guarda no coração e as borboletas, peixes e passarinhos, tudo solto lá em cima! Tia Palma dizia que velho na horinha da morte conhece o máximo e o mínimo de si mesmo. É ao mesmo tempo elefante e louva-deus. É sequoia e flor-do-campo, oceano e poça de chuva, cordilheira e grão de sal. Ela garantia que a gente sabe direitinho quando acontece a transformação. A alma começa a emitir todos os sons da natureza: ventos, águas, passos de gente no cascalho, fogo que arde, madeira que estala, respirações variadas e, de repente, um bater rápido de asas. Aí entra o coral – as vozes dos animais. A alma do velho rosna, ameaçadora – segundo movimento do concerto. A alma urra, uiva, grita, relincha e muge. Depois zumba, trina e gorjeia. A alma se liberta rumo ao infinito e, aí sim – soprano, tenor, contralto e baixo –, canta a mais bela ária da mais bela ópera! Eu, criança, piamente acreditava. Depois, homem feito, achava graça. Faz algum tempo voltei a acreditar.

É na cozinha que eu desembesto e solto os bichos. É na cozinha que eu viajo sem passaporte, sem bilhete, sem revista em aeroportos. As autoridades querem minhas digitais? Elas estão na massa do pão. Querem minha foto? Tenho várias, de frente e de lado com meus pais e irmãos e com os que vieram depois. Retratos falados – em voz alta, a família toda ao mesmo tempo. Destrambelhada família. Sagrada família...

Preciso me concentrar. É essencial. Por quê? Ora, que pergunta! Família é prato difícil de preparar. São muitos ingredientes. Reunir todos é um problema – principalmente no Natal e no Ano-Novo. Pouco importa a qualidade da panela, fazer uma família exige coragem, devoção e paciência. Não é para qualquer um. Os truques, os segredos, o imprevisível. Às vezes, dá até vontade de desistir. Preferimos o desconforto do estômago vazio. Vêm a preguiça, a conhecida falta de imaginação sobre o que se vai comer e aquele fastio. Mas a vida – azeitona verde no palito – sempre arruma um jeito de nos entusiasmar e abrir o apetite. O tempo põe a mesa, determina o número de cadeiras e os lugares. Súbito, feito milagre, a família está servida. Fulana sai a mais inteligente de todas. Beltrano veio no ponto, é o mais brincalhão e comunicativo, unanimidade. Sicrano – quem diria? – solou, endureceu, murchou antes do tempo. Este, o mais gordo e generoso, farto, abundante. Aquele o que surpreendeu e foi morar longe. Ela, a mais apaixonada. A outra, a mais consistente.

E você? É, você mesmo, que me lê os pensamentos e veio aqui me fazer companhia. Como saiu no álbum de retratos? O mais prático e objetivo? A mais sentimental? A mais prestativa? O que nunca quis nada com o trabalho? Seja quem for, não fique aí reclamando do gênero ou do grau comparativo. Reúna essas tantas afinidades e antipatias que fazem parte da sua vida. Não há pressa. Eu espero. Já estão aí? Todas? Ótimo. Agora, ponha o avental, pegue a tábua, a faca mais afiada e tome alguns cuidados. Logo, logo, você também estará cheirando a alho e a cebola. Não se envergonhe se chorar. Família é prato que emociona. E a gente chora mesmo. De alegria, de raiva ou de tristeza.

Primeiro cuidado: temperos exóticos alteram o sabor do parentesco. Mas, se misturadas com delicadeza, essas especiarias – que quase sempre vêm da África e do Oriente e nos parecem estranhas ao paladar – tornam a família muito mais colorida, interessante e saborosa.

Atenção também com os pesos e as medidas. Uma pitada a mais disso ou daquilo e, pronto, é um verdadeiro desastre. Família é prato extremamente sensível. Tudo tem de ser muito bem pesado, muito bem medido. Outra coisa: é preciso ter boa mão, ser profissional.

Principalmente na hora que se decide meter a colher. Saber meter a colher é verdadeira arte. Uma grande amiga minha desandou a receita de toda a família, só porque meteu a colher na hora errada.

O pior é que ainda tem gente que acredita na receita da família perfeita. Bobagem. Tudo ilusão. Não existe “Família à Oswaldo Aranha”, “Família à Rossini”, “Família à Belle Meunière” ou “Família ao Molho Pardo” – em que o sangue é fundamental para o preparo da iguaria. Família é afinidade, é “à Moda da Casa”. E cada casa gosta de preparar a família a seu jeito.

Há famílias doces. Outras, meio amargas. Outras, apimentadíssimas. Há também as que não têm gosto de nada – seriam assim um tipo de “Família Diet”, que você suporta só para manter a linha. Seja como for, família é prato que deve ser servido sempre quente, quentíssimo. Uma família fria é insuportável, impossível de se engolir.

Há famílias, por exemplo, que levam muito tempo para serem preparadas. Fica aquela receita cheia de recomendações de se fazer assim ou assado – uma chatice! Outras, ao contrário, se fazem de repente, de uma hora para outra, por atração física incontrolável – quase sempre de noite. Você acorda de manhã, feliz da vida, e quando vai ver já está com a família feita. Por isso é bom saber a hora certa de abaixar o fogo. Já vi famílias inteiras abortadas por causa de fogo alto.

Enfim, receita de família não se copia, se inventa. A gente vai aprendendo aos poucos, improvisando e transmitindo o que sabe no dia a dia. A gente cata um registro ali, de alguém que sabe e conta, e outro aqui, que ficou no pedaço de papel. Muita coisa se perde na lembrança. Principalmente, na cabeça de um velho já meio caduco como eu. O que este veterano cozinheiro pode dizer é que, por mais sem graça, por pior que seja o paladar, família é prato que você tem que experimentar e comer. Se puder saborear, saboreie. Não ligue para etiquetas. Passe o pão naquele molhinho que ficou na porcelana, na louça, no alumínio ou no barro. Aproveite ao máximo. Família é prato que, quando se acaba, nunca mais se repete.

O presente de casamento

Sim, ainda tenho momentos de lucidez. Meu nome é Antonio. Antonio de quê? Antonio de tudo o que vivi e passei, vivo e passo. Depois, é fácil. Passarei, como tantos já passaram, para dar espaço às vidas incontáveis que virão – certo dia, por boas maneiras, o velho vivido agradece a atenção dispensada, fecha os olhos educadamente, levanta-se e cede o lugar para o bebê que chega, qualquer um que chega. Família somos todos.

Sim, sou eu mesmo, Antonio. O filho mais velho de José Custódio e Maria Romana. Meus pais nasceram em Viana do Castelo, norte de Portugal. E lá se casaram, em 11 de julho de 1908, debaixo de abençoada chuva de arroz. Tia Palma era enfática ao descrever a cena: o arroz que desabou sobre os noivos à saída da igreja foi torrencial. Eram punhados e mais punhados. Chuva branca que não parava. Nunca se viu tanta fartura em votos de felicidade.

– Este é o dia mais feliz da minha vida! – Tia Palma imitava a voz de mamãe. E depois, fazia papai, completamente apaixonado: – Hoje, levo comigo o meu amor! – E depois, ainda, os tantos convidados: – Viva Maria Romana! Viva! Viva José Custódio! Viva!

Assobios, choros de alegria. Tia Palma sabia todas as falas de cor, reproduzia as caras, os cacoetes, o tom das vozes de cada parente, de cada amigo. Eu, sem piscar, completamente envolvido pela narração, pelas personagens, pelos cenários e os figurinos de época. Não estava lá, nem sonhava em nascer, mas participei de tudo. Vi detalhes. Uma das cenas prediletas: o voo de costas do buquê de laranjeiras, a subida espetacular ao azul, o alvoroço das virgens e

a queda vertiginosa das flores até as mãos daquela que era a cega de nascença, a única ali que não se acotovelou – nenhum mínimo gesto para alcançar a garantia de ser o próximo matrimônio. A sorte lhe chegou sem esforço, questão de segundos. Atônitos, todos silenciaram. Silêncio constrangedor. Quem podia esperar? Alguma revolta até. Logo ela. A que nem poderia apreciar a beleza que recebia. Para que então o branco das pétalas, o verde das folhas, o laço de fita feito com tanto esmero e arte? Tudo inútil, perdido no breu. Nozes a quem não tem dentes. Então a moça cega sorriu cheia de luz porque o perfume e o tato foram mais fortes que a cor. Um aplauso solitário quebrou o espanto. Outros dois entraram em duo. E aí todos aplaudiram, até mesmo as decepcionadas pretendentes. Quem julgará o mérito? Quem ousará explicar o inexplicável? Alguma lógica há. Afinal, voo de costas não é voo cego? O Deus do azul opera por estranhos caminhos e o buquê de minha mãe Maria Romana foi pousar nas trevas onde o amor se escondia. Sim, sem dúvida, esta uma das cenas que me ficaram.

Tia Palma era o meu teatro – que repertório, que desempenho! Mas o espetáculo era interrompido no melhor de cada história. Eu cruzava os braços, emburrava. Era hora de ir para cama. Justo agora!

– Antonio, não faz gênio! Olha que amanhã não te conto histórias! Vamos dormir, que já é tarde. Eu te dou colo, anda, vem.

A proposta me comprava. Eu, franzino, nos meus 6 anos, riso maroto, me alçava para o conforto daquele abraço enganchado, de braços e pernas – abraço sem chão. O colo de Tia Palma era uma espécie de útero sem capota, que me levava assim, conversível, por um mundo fantástico, mundo que me fascinava ainda mais porque eu conhecia os protagonistas. Morava com eles.

Na noite seguinte, logo depois do jantar, eu já impaciente, diante da cadeira de braços. Apenas a cadeira. Apenas? Claro que não. Para mim, cadeira-palco, cadeira-cortina, cadeira-cenário, cadeira-tudo. Nela, agora com luz própria, Palma – não a tia, mas a atriz. Sempre de preto, mas imprevisível. Algumas noites, solene. Outras, informal. Algumas, com o riso solto. Outras, cheia de suspense. De repente, passe de mágica, o verbo! O passado vem à tona. E eu, menino enrugado aqui nesta cozinha, ainda viajo, presente colorido do indicativo.